

PROCESSOS DE MEDICALIZAÇÃO E SUBJETIVIDADE DIANTE DO ADOECIMENTO

João Pedro Soares

A medicina moderna nasceu no final do século XVIII e tem sua origem na positividade e num presumido empirismo de uma reorganização do espaço manifesto e secreto que, com um olhar secular, se deteve no sofrimento dos homens. No entanto, o espaço da experiência parece se identificar com a vigilância empírica aberta apenas às evidências dos conteúdos visíveis. Assim, a medicina clínica surgiu sob condições que a definem como uma “ciência positiva” estruturada na racionalidade. Dessa forma, o corpo humano passa a se constituir como espaço sólido e visível da doença, e o corpo é apenas uma maneira da medicina espacializar a doença. Dado que a sociedade é medicalizada, esse processo de medicalização interfere diretamente na subjetividade do indivíduo, em que medida esse processo afeta o modo como o sujeito é percebido perante seu adoecimento?

O hospital como instrumento terapêutico é uma invenção relativamente nova. Na Idade Média, o hospital não era voltado para uma prática hospitalar, mas sim um lugar de assistência aos pobres, bem como um lugar de separação, exclusão e um lugar onde morrer. Era caritativo e estava sob o poder do religioso ou leigo, com a função de transição entre a vida e a morte, além de assegurar a salvação eterna. Não havia cientificidade, a experiência e formação do médico se baseavam na transmissão de receitas, e a cura era um jogo entre a natureza, a doença e o médico (Foucault, 2004).

No decorrer da história ocidental, é possível perceber que as pessoas que não se encaixam em determinados padrões concebidos como normais enfrentam dificuldades nos diversos âmbitos da vida. O comportamento humano não é biologicamente determinado, mas se dá por meio do tempo, espaços geográficos, pela história etc. Nesse sentido, é possível inferir que o ser humano é um ser cultural, entretido em um substrato biológico, datado e situado.

Raad e Tunes (2006) apontam que a medicina tem compreendido tudo que foge à norma como patológico, compreendendo o sujeito como uma máquina que tem um modo padrão de funcionamento, de acordo com o que é estabelecido pela própria medicina e valorizado socialmente. Desse modo, todos os problemas da vida começam a ser entendidos como patológicos, e o que foge à regra estabelecida passa a ser visto como estranho, perigoso ou menos importante.

Esse contexto possibilita à medicina a posse da saúde do corpo do indivíduo, seguindo uma ideologia de mercado, na qual promove a medicalização e impõe regras padronizadas

relacionadas a práticas médicas. Conseqüentemente, ressalta Foucault (2004), que com o processo de medicalização, a medicina passa a ser uma oficina de reparos e manutenção, destinada a conservar em funcionamento o homem e o seu uso como produto não-humano, Por conseguinte, a medicina e a medicalização se transformam num perigo à saúde, ou seja, uma iatrogênese, que pode ser clínica, social ou cultural/estrutural.

Na iatrogenia clínica estão envolvidos os danos à saúde causados pela medicalização e pelos atos da prática médica impostas ao indivíduo. Conforme Illich (1975), o sistema médico é caro e impotente no prolongamento da vida, na redução da morbidade global e resulta em fontes de novas doenças mesmo que haja medidas para neutralizar os prejuízos da iatrogênese. Em sentido mais amplo, a iatrogenia clínica engloba todas as condições clínicas das quais os medicamentos, os médicos e os hospitais são os agentes patogênicos, além de sua capacidade de resistência aos tratamentos adicionais.

A iatrogênese social é o impacto danoso e penoso de uma crescente dependência das categorias sociais, ou seja, a vida social se resume em se organizar e se submeter às terapias médicas, psiquiátricas, pedagógicas, geriátricas, etc. A iatrogenia social também exprime uma mercantilização das coisas, palavras e gestos produzidos por um sistema médico que se reserva ao direito exclusivo de avaliar os seus efeitos e a tornar o consumo de seus produtos praticamente obrigatório (Illich, 1975).

Toda cultura elabora e define um modo particular de ser do indivíduo, e é dado a ele um sentido próprio ao sofrimento, à enfermidade e à morte. Assim, a cultura, ao orientar o comportamento, também determina a saúde do homem. Porém, o resultado disso é uma regressão estrutural do nível de saúde. De acordo com Illich (1975), essa regressão é denominada iatrogênese estrutural, que pode se revelar em três sintomas principais: a alienação da dor, a doença heteronômica e na morte escamoteada.

Raad e Tunes (2006) indicam o fenômeno da iatrogênese estrutural como empecilho ao bem-estar dos indivíduos. Afirmam, ainda, que a civilização moderna tem buscado retirar do sofrimento seus significados subjetivos e transformar a dor em um problema objetivo. O sofrimento deixa de ser aceito como parte de um processo de adaptação do homem e passa a ser motivo de alarde, que marca a necessidade de uma intervenção médica. Esse processo de medicalização resulta em refreio a uma noção de capacidade que as pessoas têm de si mesmas, e da responsabilidade de propor transformações que essas pessoas têm diante de seu próprio processo de adoecimento.

Diante desse cenário, é possível tecer uma crítica em relação ao modo como o sujeito é percebido perante seu adoecimento. Illich (1975) ressalta que é exatamente a autonomia pessoal

de cada indivíduo que constitui sua saúde e que, nesse sentido, se faz necessário investir na liberação das informações para que o conhecimento não fique centrado no âmbito médico e que o indivíduo possa assumir uma postura mais ativa perante seu processo de adoecimento.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro, Forense- Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Forense- Universitária, 2004.

ILLICH, I. **Expropriação da Saúde - Nêmesis da Medicina**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

RAAD, I. L. F.; TUNES, E. Quando a medicina adoecer. In: I CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, SOCIEDADE E INOVAÇÃO, Cidade do México. Anais do I Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação. Cidade do México: Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação. 2006.